



**POLÍTICAS PÚBLICAS E TECNOLOGIAS SOCIAIS:  
O caso da Associação Mãos que Produzem de Panambi/RS**

Marcos Paulo Dhein Griebeler

Nelson José Thesing

Elizandra Cristiane Pinheiro da Silva

Pâmela Andrade de Moraes

**RESUMO**

O artigo verifica a práxis da Associação de Mulheres - Mãos que Produzem - no município de Panambi/RS, integrantes de projetos sociais, comprometidas e organizadas para acessar tecnologias sociais, oportunizadas pelas políticas públicas - Secretaria Municipal da Habitação, Trabalho e Ação Social e pela Incubadora de Economia Solidária, Desenvolvimento e Tecnologia Social (ITECSOL) vinculada à Incubadora de Empresas de Inovação Tecnológica (CRIATEC) da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUI). A experiência solidária conta com diferentes tecnologias para desenvolver um ambiente de trabalho, por um grupo de mulheres, para gerar renda, não apenas para a sobrevivência, mas também, despertar atitudes solidárias, ao planejar as atividades laborais, ao traçar caminhos de aprendizagem para auxiliar no processo de construção e de implementação de tecnologias sociais, na confecção e no artesanato, na formação associativista e solidária, permeada pelas políticas públicas e na efetivação de um empreendimento coletivo, que reconhece seus limites, suas possibilidades concretas. A rica experiência da Associação Mãos que Produzem como espaço de aprendizagem, de pesquisa e de trabalho oportunizou para este estudo um ambiente favorável para além da capacidade de produção, a fim de que se fosse possível ter presente a sistematização da prática, ao trabalhar o ensino-aprendizagem como um dos caminhos que integra as dimensões do saber qualitativo. Trata-se de um movimento fundamentado na democracia participativa e deliberativa, em um possível espaço de poder para a conquista da cidadania, frente ao sistema capitalista vigente.

**INTRODUÇÃO**

O presente artigo verifica a experiência da Associação de Mulheres – Mãos que Produzem – no município de Panambi/RS, em um processo associativo para desenvolver tecnologias sociais, dentre elas: corte e costura, artesanato, bem como outros produtos que possam conquistar espaço no mercado local, bem como trabalhar os



princípios que orientam a Economia Solidária, para oportunizar a geração de trabalho e renda.

O caminhar da Economia Solidária necessita, de forma permanente, o despertar de novas perspectivas de vida para cada participante, o fortalecimento das potencialidades de cada cidadã, destacando a importância familiar, social e comunitária, o que de certa forma, poderá fundamentar as práticas associativistas, de forma específica em empreendimentos coletivos e autogestionários.

Portanto, a Associação Mãos que Produzem necessita conquistar o interesse e a proeminência permanente das ideias associativista, influenciando as integrantes do movimento, oriundas das atividades do Centro de Referência Especializado de Assistência Social (CREAS). Este, por sua vez, é um espaço voltado para atendimento de crianças, adolescentes, mulheres, idosos e pessoas portadoras de deficiência, vítimas de violência ou em situação de risco por negligência, abandono, maus tratos, violação física e/ou psicológica, cimentando os vínculos familiares e sociais. A Associação Mãos que Produzem conta ainda com o Centro de Referência da Assistência Social (CRAS), que presta serviços continuados de Proteção Social Básica de Assistência Social para as famílias, seus membros e indivíduos em situação de vulnerabilidade social, por meio do Serviço de Proteção e Atendimento Integral à Família (PAIF).

Ainda, a Associação Mãos que Produzem conta com o trabalho de profissionais Unijuí, os quais sistematizam as práticas e interpretam o processo educativo, fundamentado nos princípios da Economia Solidária, cuja metodologia é de natureza aplicada. Mediante uma abordagem qualificativa, a análise de conteúdo, seguindo as orientações de Bardin (1997), isto possibilita identificar os principais desafios da associação e os elementos indispensáveis na gestão do projeto.

Deste modo, o artigo é lastreado por procedimentos técnicos, de pesquisa-ação participante, onde as mulheres, profissionais da ITECSOL e da prefeitura municipal constroem uma práxis para ações coletivas, como oficinas, com desenvolvimentos de tecnologias sociais, seminários temáticos, fóruns associativos, para planejar, organizar, assessorar, verificar e construir práticas de autogestão e solidária, tendo no processo de



sistematização, a prática do ensino-aprendizagem, um dos caminhos que integra as dimensões do saber qualitativo ao possibilitar que os pesquisadores tenham uma atuação socializadora de saberes, aprendam e ensinem (MORIN, 2004),

Este processo de construção coletiva é denominado de “incubação”, onde se busca criar, de forma conjunta, instrumentos e mecanismos de trabalho, para responder os desafios e necessidades reais das mulheres integrantes da associação. Essa experiência se traduz na sistematização e na objetivação de práticas de corte e costura, de artesanato e de gestão social que oportunizam um ambiente para efetivação dos registros contábeis, das operações comerciais e do Plano de Gestão em um processo de construção permanente.

No entender de Munhoz (1989) e Cooper e Schindler (2003), estes elementos administrativos possibilitam diagnosticar o trabalho associativo, enquanto processo de “incubação”, trabalhando-o de forma mais pontual, para que futuras pesquisas possam aprofundar estudos em empreendimentos coletivos, como é o caso das Mãos que Produzem, contribuindo desta forma na construção de políticas públicas, voltadas para a inclusão social. Nesse sentido, expõe-se a seguir a contextualização da Associação Mãos que Produzem e seu propósito dentro da economia solidária.

## **2 – O CONTEXTO DA CRIAÇÃO DAS MÃOS QUE PRODUZEM**

O lançamento do projeto da Associação das Mulheres em Panambi – Mãos que Produzem – aconteceu no dia 25 de março de 2014 na CRIATEC, sob a liderança da ITECSOL, com apoio do Poder Público Municipal de Panambi - Secretaria de Habitação, Trabalho e Ação Social, através do CRAS e CRES, espaços voltados para atendimento adolescentes, mulheres, vítimas de violência ou em situação de risco para organizar as mulheres em um movimento associativista.

Em um primeiro momento, foram efetuadas pesquisas de demanda das mulheres que integram a associação. Dentre as principais, destacam-se a melhoria das condições de trabalho e o aumento na renda, mas principalmente, desenvolver um ambiente para a efetivação de tecnologias sociais e de encaminhar um processo de qualificação



profissional, especialmente de atividades práticas tais como: corte e costura, trabalhos artesanais, embasadas pelos princípios de Economia Solidária.

Os profissionais integrantes do projeto (UNIJUÍ e Prefeitura de Panambi/RS) entendiam a necessidade da efetivação de uma cultura autogestionária, a ser desenvolvida nas Mãos que Produzem por ser um dos princípios indispensáveis da Economia Solidária, para que as próprias mulheres integrantes da “Incubação” possam desenvolver estratégias frente ao seu empreendimento coletivo, ou seja, na busca de novas tecnologias sociais, para valorizar o trabalho e gerar renda.

Para buscar novas tecnologias sociais, a Prefeitura de Panambi/RS passou a auxiliar na manutenção de uma profissional e máquinas para qualificar as atividades práticas, bem como de outras profissionais do CRAS E CRES, que diariamente auxiliam na caminhada do processo de aprendizagem. Ainda, a administração municipal assume o aluguel do espaço (CRIATEC) onde a Associação Mãos que Produzem desenvolve suas atividades.

A equipe profissional da ITECSOL/UNIJUÍ auxilia na sistematização das práticas e nos referenciais teóricos e a cada dia surgem novos desafios, especialmente em um ambiente de competição e de profundas mudanças na sociedade, o qual afeta não apenas as mulheres como os trabalhadores nos mais diversos setores. Em consequência disso, emergem desafios que apontam para o seguinte questionamento: De que forma é possível cultivar o espírito coletivo em uma sociedade onde o “ter” se sobrepõe ao “ser”?

À luz das vivências e das experiências que configuram o atual estágio de desenvolvimento da sociedade e que pavimentam os desafios, busca-se verificar o processo associativo na organização Mãos que Produzem em um espaço estratégico para sistematizar as experiências e aprendizagens a fim de compartilhar os problemas. Com isso, busca-se construir alternativas mediante uma nova forma de pensar e agir: a consciência do coletivo.

Portanto, o processo de caminhar da Associação Mãos que Produzem é formado por pessoas e não de capitais. Com isso, busca atuar na perspectiva de seus integrantes



pela ajuda mútua, de forma democrática e participativa ao responder os desafios econômicos e sociais de seus familiares e de seu grupo de trabalho. Deste modo, a Economia Solidária poderá vir a ser um ambiente para desenvolver uma atitude ética, uma percepção de conjunto, pois “ser humano é viver e atuar em conjunto” (THESING, 2015, p.97).

Essa atuação coletiva necessita de um olhar consciente para alimentar os profissionais que compartilham as práticas, alicerçado em referências teóricas, para implementar o planejamento das atividades. A sistematização do processo das Mãos que Produzem, é uma das possibilidades de preservar a memória histórica das experiências, como também socializar esta rica experiência popular às novas práticas das tecnologias sociais.

A sistematização é a possibilidade de produção de novos conhecimentos que podem alimentar o processo de organização de formação das mulheres e dos profissionais que atuam no projeto como um mecanismo socializador de saberes. Com isso, simultaneamente, aprender e ensinar, para que se possam efetivar dentro do processo associativo as novas tecnologias sociais em um espaço público.

Cabe ainda registrar que o processo associativo necessita da pesquisa permanente, enquanto espaço de mediação, para cimentar uma assessoria esclarecedora no movimento solidário. Deste modo, novas visões e novos saberes assimilados proporcionam uma realimentação das práticas e dos saberes que poderão auxiliar no processo de formação e qualificação profissional da Associação Mãos que Produzem de Panambi/RS.

Dentre os desafios está a viabilidade econômica que, por seu turno, significa uma questão central na administração da Associação bem como de cada associada. Há um processo condicionado pela racionalidade econômica. Existem objetivos e necessidades, além de práticas orientadas pelo conhecimento tecnológico.

Porém, o grande risco reside na instrumentalização com foco apenas nos processos produtivos, seguido pelas relações operacionais, pelas técnicas e funcionais do ambiente de confecção e pela produção dos produtos do artesanato em outras



atividades produtivas. Isto acaba desafiando os profissionais que integram o projeto em desenvolverem os princípios da Economia Solidária e a conquista permanente de políticas públicas comprometidas com a sustentabilidade social, temas estes expostos a seguir.

### **3 – ECONOMIA SOLIDÁRIA E AS TECNOLOGIAS SOCIAIS**

A Economia Solidária busca desenvolver um ambiente de trabalho possuindo como foco a cooperação, a solidariedade e principalmente as novas tecnologias sociais. De certa forma, isto pode ser considerado como um modo diferente de comprar, produzir, vender e trocar. Enfim, significa um espaço onde o trabalho poderá ser a possibilidade de conquista de uma vida digna. Essa nova forma de trabalhar poderá se transformar em uma prática, em caminhos sem explorar os seus semelhantes, sem destruir a natureza e a humanidade. Esse processo poderá alimentar organizações coletivas e autogestionárias, planejando o bem comum de todos os integrantes do empreendimento. Essa forma de trabalhar se apresenta, nos últimos anos como uma prática inovadora e uma alternativa concreta de geração de trabalho e renda, credenciando-se como um ambiente de inclusão social.

Nesse sentido, as mulheres em Panambi criaram a Associação Mãos que Produzem. Inicialmente buscou desenvolver suas capacidades no campo da costura e de trabalhos artesanais, embasados em um conjunto de tecnologias sociais, para auxiliar na manutenção de suas famílias. Essa prática sensibilizou as integrantes da Associação, ao valorizar o trabalho coletivo, seja no processo de aprendizagem técnica e de forma menos apressada, a busca do conhecimento, da inovação no processo de negociação, ao fazer valorizar a produção, como mecanismo para buscar renda para fazer frente às principais necessidades das demandas familiares, na aquisição da alimentação, pagamento das despesas com água, energia elétrica. Esse processo desafia a gestão social e ao mesmo tempo cria as condições para o projeto de “incubação”, da Economia Solidária.



A Associação foi e continua a ser desafiada diante dos mais diversos problemas e oportunidades como a maioria das Associações, porém, contou e conta, em sua estruturação e organização com o apoio da UNIJUÍ e da Prefeitura de Panambi/RS. As presenças de técnicos-administrativos, professores, funcionários da administração pública desenvolveram na associação um campo fértil para a Economia Solidária e uma reflexão sobre sua importância ao criarem um espaço para discussão e reflexão sobre as atividades produtivas, ao incentivarem uma organização associativa. Junto a isso, incentivar que seus integrantes visitassem Feiras Solidárias, assim como a própria realização destas, acrescida da solenidade de formatura com a certificação das associadas que realizaram os cursos técnicos e de formação em Economia Solidária.

As práticas solidárias e associativas oportunizam condições objetivas para a sistematização do processo de autogestão e auxiliam no desenvolvimento da consciência crítica e reflexiva, especialmente na área de lideranças (Diretoria da Associação). Enquanto protagonistas sociais, ao estarem na qualidade de gestoras, tornam-se portadoras de novas identidades coletivas, o que implica buscar e desenvolver novos paradigmas de trabalho. Ao mesmo tempo, visa influenciar as demais sócias não somente na busca da inclusão social, enquanto atenuante da pobreza, mas praticar o trabalho como um direito e um componente indispensável no processo de formação da identidade cidadã, algo indispensável no processo de educação solidária.

Na caminhada do processo associativo é importante ter presente o local de moradia das associadas. Quanto mais próximo for o ambiente de vizinhança, o mesmo facilita o envolvimento comunitário, além do desenvolvimento do espírito solidário que com o passar do tempo, identifica novas sócias, uma vez que, o trabalho vai apontar novas demandas e novas possibilidades de participação no empreendimento autogestionário.

No entender de Bordenave (1994, p.16), “a participação não é somente um instrumento para a solução de problemas, mas, sobretudo uma necessidade fundamental do ser humano como são a comida, o sono e a saúde”. Desta forma, o autor associa-se ao método pesquisa-ação participante, ao qualificar a importância da participação em



uma organização coletiva e autogestionária, por que a participação constrói uma identidade e um comprometimento. As investigações de Sabourin (2003) auxiliam na compreensão dos valores humanos, os quais podem ser

gerados e reproduzidos pela institucionalização das relações de reciprocidade e de redistribuição em estruturas, não apenas sociais, mas, também econômicas, qualificadas de estruturas de reciprocidade, as quais produzem valores de uso e também valores humanos como a amizade entre os próximos, a responsabilidade entre gerações e perante os recursos naturais, a justiça, a equidade e a confiança nos modos de redistribuição (SABOURIN, 2003, p. 10).

Porém, a autogestão vai além da gestão participativa e a valorização dos valores humanos, ao incorporar novas tecnologias sociais, para viabilizar o empreendimento autogestionário, a busca da autonomia do quadro associativo, a internalização das práticas solidárias, o aprender a fazer de forma qualificada, ao responsabilizarem-se pelo empreendimento coletivo, mediante ações e práticas estabelecidas de forma democrática.

Nesse sentido, desenvolver o espírito de cooperação e de solidariedade desafia o método de pesquisa-ação participante, que é expresso na realização do trabalho, na justa distribuição dos resultados alcançados, nas oportunidades conquistadas pelo desenvolvimento das capacidades de produção e na melhoria das condições de vida das associadas. Além disso, tem-se como foco o compromisso para com o meio ambiente, seguido das relações que se estabelecem com a comunidade e outros movimentos sociais de caráter emancipatório ao se ter como objetivo último a preocupação com o bem-estar da classe trabalhadora.

Pode-se aceitar que a Associação Mãos que Produzem ao buscar a viabilidade econômica, oportuniza um rico ambiente educativo, uma vez que a vivência de práticas solidárias no desenvolvimento da economia apresenta-se também como um espaço de ensino-aprendizagem. Este, por sua vez, é sempre um dos desafios na sociedade capitalista, onde os valores individuais são semeados em oposição os da Economia Solidária que visa ações mais justas e igualitárias.

Deste modo, o processo educativo que integra o desenvolvimento da Economia Solidária, aliado ao projeto de educação popular, auxilia a Associação Mãos que



Produzem a compreenderem o mundo capitalista em que vivem, o qual se consiste em um sistema que explora e marginaliza a maioria dos seres humanos. Porém, ao mesmo tempo em que discute as mazelas sociais, ao invés de conformar-se, propõe e cria novas alternativas, a partir de novos valores, como a solidariedade, a cooperação e as novas tecnologias sociais.

Na associação Mãos que Produzem, quando realizadas as discussões sobre as técnicas de corte e costura, trabalhos artesanais, novos métodos de ensino-aprendizagem foram desenvolvidos, ou seja, novas tecnologias sociais executadas, especialmente na qualificação profissional, contemplando a aprendizagem de uma associada para a outra. Essa construção gera confiança e segurança no ambiente da autogestão.

O estudo realizado pela equipe de profissionais, com vínculo na UNIJUÍ e na Prefeitura de Panambi, constatou a importância e a necessidade de um processo educacional permanente, nas oficinas, nos cursos, nos espaços de reuniões, no diálogo do fazer, o que poderá também se transformar em um momento de trabalhar as questões da Economia Solidária.

De certa forma, foram objetivadas as condições para um processo de educação informal e formal, ao efetivar o processo de confecções, ao dialogarem sobre a cooperação, ao buscarem caminhos democráticos para viabilizarem o processo associativo. Nele, os erros e os fracassos não invalidam a rica experiência de aprendizagem, mas reforçam a representatividade de uma escola para a vida de muitas mãos que produzem, na conquista de um espaço público, de construção de uma sociedade comprometida com a sustentabilidade social e ambiental.

A caminhada da Associação Mãos que Produzem oportuniza um processo de aprendizagem com ricas experiências, permeada um saber popular e científico para a libertação e para a conquista da autonomia das trabalhadoras, uma educação como afirmação na dimensão política do conhecimento, que pressupõe a tomada de decisões e de escolhas, onde as associadas (integrante de uma classe vulnerável) fazem parte das escolhas e possuem voz ativa, não no sentido de que há algo pré-formado, mas no sentido do diálogo em si. Trata-se de uma aproximação entre os saberes da academia e



os saberes das práticas populares, dentro do espírito de que a educação acontece em todo lugar (BRANDÃO, 2005).

Na construção do processo solidário, existe a necessidade permanente da reflexão sobre as práticas oriundas das novas tecnologias. Isso significa compreender a importância do papel educativo de todos os profissionais presentes no projeto Mãos que Produzem, para além da viabilidade econômica, auxiliar na construção de inovações tecnológicas e na emancipação social. Com isso, as trabalhadoras necessitam mais do que os métodos tradicionais de trabalho. Necessitam buscarem novas formas de pensar e fazer, um autodomínio oportunizado pelo conhecimento, de si mesmo e das outras, em um ambiente coletivo para darem respostas concretas para o trabalho e renda, muitas vezes viabilizadas por políticas públicas e pelo conhecimento compartilhado, temas expostos a seguir.

#### **4 – AS POLÍTICAS PÚBLICAS E A BUSCA DO CONHECIMENTO**

As políticas públicas, ao contemplarem a busca do conhecimento e as tecnologias sociais possuem vários movimentos que expressam essa situação: Fóruns Locais, Fórum Brasileiro de Economia Solidária, Oficinas, Seminários, a presença permanente de profissionais de diversas categorias, educadores, universidades, governo e igrejas. A ITECSOL, desde sua criação, fez parte da Rede UNITRABALHO e em 2009 passou a integrar a Rede Universitária de Incubadoras Tecnológicas de Cooperativas Populares - ITCPs.

Nas últimas décadas, as políticas públicas possibilitaram um novo formato de interação entre a administração pública (Executivo, Legislativo e Judiciário) e a sociedade, ao estabelecer um dinamismo maior no ambiente organizacional, viabilizando projetos de parceria entre segmentos da sociedade, da administração municipal, universidade e parcela da população, para buscar novas estratégias para suportar as demandas da população. Entre essas novas formas de fazer políticas públicas, está o projeto Mãos que Produzem.



Portanto, objetivo do projeto associativo é desenvolver tecnologias sociais, entre elas: corte e costura, artesanato, bem como trabalhar os princípios que orientam a Economia Solidária, para oportunizar a geração de trabalho e renda, alimentando a criação de novas perspectivas de vida para cada participante, o fortalecimento das potencialidades de cada cidadã, destacando a importância familiar, social e comunitária e o espírito autogestionário.

Deste modo, a Associação Mãos que Produzem se consiste em um empreendimento autogestionário, o qual trabalha de forma cooperada e solidária, reunindo mulheres em um processo de amadurecimento, ao buscarem entender os princípios que regem uma organização de trabalho coletivo, que inicialmente passam pelo processo de aprendizagem técnica, de corte e costura, de trabalhos artesanais em um ambiente coletivo, onde uns aprendem com os outros, sob a orientação de uma profissional da área de confecções. Junto a isso, estão os cursos ministrados pela equipe profissional da ITECSOL com apoio dos profissionais da administração pública municipal, tendo presente às observações de Marques (1999, p.39), ao afirmar que

constrói-se a vida humana na tensão entre a produtividade do sujeito prático-empírico, sujeito da técnica exigida pela sobrevivência social, e o sujeito da palavra significativa, sujeito da poíesis ligado à dimensão criativa dos muitos mundos possíveis e enraizado no imaginário social insubmisso às formas da domesticação e da vontade de poder.

Ao planejar o desenvolvimento e a formação profissional, a autonomia e formação básica das associadas são desenvolvidas atividades pedagógicas (cursos e oficinas) para facilitar o aprendizado das associadas, enfatizando a ação prática do trabalho técnico, a elaboração de um Plano de Negócio, as orientações para Elaboração do Regulamento Interno e do Estatuto da Associação.

A metodologia de trabalho, desenvolvida pela equipe de profissionais que atuam junto a Associação, oportunizou um ambiente público, que permitisse o registro das práticas administrativas das sócias, ao confeccionarem, ao comercializarem seus produtos, onde se destaca a importância da cooperação. No entendimento de Frantz



(2006, p. 12), o termo contém em sua raiz etimológica a noção de trabalho e das relações sociais de trabalho.

O movimento associativo moderno nasceu das lutas pela valorização do trabalho humano e culturalmente, é também um jeito de estar no mundo e de consumir (em casa, em eventos ou no trabalho) produtos locais, saudáveis. Consiste em encontrar um caminho para buscar valores, mudar o paradigma da competição acirrada para o da cooperação, da inteligência coletiva, livre e partilhada, em um movimento social pela luta por mudanças na sociedade, por uma forma diferente de desenvolvimento, das pessoas e construída pela população a partir dos valores da solidariedade, da democracia, da cooperação, da preservação ambiental e dos direitos humanos (FBES, 2014).

Por isso, a noção de organização e de espaço público na associação ultrapassa o processo de aprendizagem técnica, a instrumentação dos processos produtivos e desenvolve uma dimensão política que orienta os interesses e as necessidades do trabalho das mulheres. Esse processo desafia toda equipe profissional que atua no projeto, por metodologias de trabalho coletivo, para ir além do instrumental técnico, pela busca da organização associativa, que traz em seu bojo histórico a valorização do trabalho humano, alimentada pelo movimento político. Como tal, constitui a identificação, a associação, a comunicação entre as trabalhadoras fortalecendo a identidade das Mãos que Produzem, em um processo social, de ordem econômica, fundamentado em relações aprendizagem, na busca de soluções para seus problemas comuns de produção e na apropriação de resultados.

O espaço público promovido pelas políticas públicas entre a ITECSOL/UNIJUI, a administração municipal, Secretaria Municipal da Habitação, Trabalho e Ação Social, CRAS e CRES, oportuniza um ambiente rico para efetivar as novas tecnologias sociais, onde as avaliações das práticas tecnológicas auxiliam na compreensão do processo coletivo e solidário. As mulheres buscam de forma prioritária os conhecimentos técnicos, até porque necessitam respostas as suas perguntas diante dos desafios do processo de qualificação profissional, seja na atividade de corte e costura, seja em



trabalhos artesanais. Desta forma, inicialmente, a caminhada passa a ser alimentada pela racionalidade instrumental, técnica, que facilita o desenvolvimento de um ciclo vicioso ao qual estão habituados, ou seja, produzir e comercializar.

Porém, o processo associativo, ao gerar novas tecnologias sociais não pode ser entendido como um movimento tão somente comercial, nem apenas através da razão técnica, instrumental, mas, sim, pela ação de suas protagonistas, em um processo formação humana, no qual se reconhece a pedagogia da prática educativa, para fortalecer a organização social. De forma especial, o processo de cooperação das Mãos que Produzem visa desenvolver novas tecnologias sociais que ultrapassam os processos de cortar, costurar e comercializar, visando qualificar as mulheres que compõem esta associação. Com isso, estabelecem-se novas perspectivas nos processos educativos e formativos, o que exige a capacidade de pensar, de decidir, de ter iniciativa, de fabricar e consertar, de administrar a produção com qualidade para atender a necessidades e expectativas dos clientes, em uma caminhada de autogestão.

Isto significa que as participantes são protagonistas da própria ação, ou seja, todas participam das decisões, do processo de trabalho e “ao exercer a autogestão, em conjunto com os outros, o indivíduo tem a oportunidade de educação e conscientização, tornando-se mais realizado, autoconfiante e seguro” (SILVA, 2014, p. 12). Nesse sentido, a autogestão é um processo que necessita contar com políticas públicas, que possam auxiliar na ampliação de conhecimentos, para a conjugação de esforços, a utilização coletiva da propriedade, dos bens e partilha frutos do trabalho. Nessa perspectiva, a sustentabilidade apresenta-se como uma resposta a essa nova forma de organização dos trabalhadores e pressupõe o fortalecimento das relações sociais, econômicas, culturais, políticas e ecológicas (SILVA, 2014).

A Associação Mãos que Produzem necessita conquistar cada vez mais um espaço público de aprendizagem, com a presença dos entes públicos e privados, para transformar cada profissional em uma protagonista, isto é, ao mesmo tempo, a mulher é operária de produção e de manutenção, inspetora de qualidade e gestora de um movimento solidário e associativo, porém as experiências de economia solidária



alimentam e reconhecem seus limites, suas potencialidades, suas possibilidades concretas. É um movimento que move a práxis, que exige de suas atoras uma comunicação fundamentada na democracia participativa e deliberativa, em um espaço de poder, que significa a diminuição das desigualdades sociais, na geração de trabalho e renda, fator dinamizador da inclusão social que “não se restringe à esfera econômica, mas deve responder à necessidade do trabalhador, que é também ética e política” (HECKERT, 2009, p. 131).

Esse trilhar da ética passa por uma sociedade mais organizada onde a base da organização coletiva está na economia e no campo político. Isso justifica a evolução e a consolidação do movimento pela Economia Solidária e essa mudança se efetiva desde 2003 ao ser inspirada no lema do Fórum Social Mundial “*Uma outra economia é possível!*”, que atualmente se apresenta como: “*Uma outra economia acontece!*”, inclusive em Panambi/RS pela Associação Mãos que Produzem, em um processo permanente pela busca do conhecimento e pelo fortalecimento das políticas públicas pela na construção de uma sociedade mais justa sustentável.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A rica experiência da Associação Mãos que Produzem como espaço de aprendizagem, de pesquisa e de trabalho oportunizou para este estudo um ambiente favorável para além da capacidade de produção, a fim de que se fosse possível ter presente a sistematização da prática, ao trabalhar o ensino-aprendizagem como um dos caminhos que integra as dimensões do saber qualitativo.

Isto possibilita que os pesquisadores tenham uma atuação socializadora de saberes, para que aprendam e ensinem novas tecnologias sociais, para que se possa fazer frente às desigualdades no processo produtivo e credenciar a Associação Mãos que Produzem em um empreendimento autogestionário de propriedade coletiva, como um ambiente democrático, na conquista de trabalho e renda e em um rico processo de aprendizagem.



O artigo buscou uma reflexão diante da experiência da Associação de Mulheres, no município de Panambi/RS, intitulada Mãos que Produzem. Tais mulheres participam das atividades desenvolvidas pela Secretaria Municipal da Habitação, Trabalho e Ação Social, nas atividades desenvolvidas pelo Centro de Referência Especializado de Assistência Social (CRES) e o Centro de Referência da Assistência Social (CRAS), de profissionais da Incubadora de Economia Solidária, Desenvolvimento e Tecnologia Social (ITECSOL). Esta por sua vez, está vinculada à Incubadora de Empresas de Inovação Tecnológica (CRIATEC) da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUI) em um processo de “incubação”, ao valorizar o ambiente coletivo, uma experiência inversa, daquela vivenciada individualmente, antes da Associação, todos precisam pensar, debater e decidir coletivamente.

O processo de formação e de qualificação profissional desenvolve uma consciência da importância do aprendizado. Trata-se de um caminhar lento com algumas desistências pelo caminho, pois além de manter a atividade de trabalho, tem-se ainda a necessidade de estudar, de estabelecer relações democráticas nas tarefas, no comprometimento e na valorização das associadas ao desenvolver o princípio da solidariedade e da cooperação. Enfim, o saber fazer exercido na qualidade de protagonistas de um empreendimento autogestionário.

Toda a caminhada da Associação Mãos que Produzem é um processo de “incubação”, orientada pelo método pesquisa-ação participante, orientada pelos profissionais que atuam no projeto, cuja fundamentação é alimentada pela educação popular, onde as associadas buscam o conhecimento e adaptam a suas necessidades. Esse processo ocorre mediante as ações de cooperação, nos marcos da Economia Solidária, não como um processo de idealização, mas como uma estratégia de sobrevivência concreta, que permite as associadas, não apenas atingir os atuais resultados positivos da associação, mas sua experiência poderá contribuir em um processo mais amplo de mudança da sociedade, ao superar a exploração e o egoísmo tão presente na sociedade. O empreendimento de Economia Solidária poderá ser uma alternativa superior ao atual sistema de produção, para a conquista de uma vida melhor.



O empoderamento das Mãos que Produzem é fundamental em um processo de conquista da maturidade autogestionária, deixando de lado uma economia possível, um processo de “incubação” para uma economia que acontece em um campo de conquistas sociais, culturais, ambientais e profissionais.

Trata-se de uma “graduação” na qual esta associação alcança sua maioria administrativa, financeira e ideológica, com avanços qualitativos e quantitativos. As associadas, na qualidade de usuárias, proprietárias e gestoras de seu empreendimento coletivo possuem autonomia e consciência da possibilidade de conquistar novas condições de vida mais digna. Trata-se de uma outra economia, aquela que busca a emancipação do ser humano e a valorização do trabalho frente ao sistema capitalista vigente.

## REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa, Portugal: Edições 70, 1977.

BORDENAVE, J. E. D. **O que é participação**. 8ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BRANDÃO, C.R. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, 2005 (Coleção primeiros passos; 20).

COOPER, D. R. e SCHINDLER, P. S. **Métodos de pesquisa em administração**. Porto Alegre: Bookman, 7ª ed., 2003.

FBES – Fórum Brasileiro de Economia Solidária. **O que é economia solidária**. Disponível em: <http://cirandas.net/fbes/o-que-e-economia-solidaria>. Acesso em: 20 abr. 2017.

FRANTZ, W. **Razões do cooperativismo moderno**. In: O INTERIOR, ano 32, nº 963, março de 2006, página 12. Porto Alegre: COOTRAEL – Cooperativa de Trabalhos Técnicos Especializados.

HECKERT, Sonia Maria Rocha. **As potencialidades da economia solidária: prática das universidades**. In: CORRÊA, Rosa Maria (Org.). **Avanços e desafios na construção de uma sociedade inclusiva**. Belo Horizonte: Sociedade Inclusiva/PROEX/PUC Minas, 2009

MARQUES, M. O. **A escola no computador: linguagens rearticuladas, educação outra**. Ijuí: Editora UNIUI, 1999.

VIII Seminário Internacional sobre

## Desenvolvimento regional

Territórios, redes e  
Desenvolvimento Regional:  
Perspectivas e Desafios



Programa de Pós-Graduação  
**Desenvolvimento  
Regional**  
mestrado e doutorado



MORIN, A. **Pesquisa-ação integral e sistêmica: uma antropopedagogia renovada.** Trad. Michel Thiollent, Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

MUNHOZ, D. G. **Economia Aplicada: Técnicas de Pesquisa e Análise Econômica.** Brasília: Editora UNB, 1989.

SABOURIN, E. **Dádiva e reciprocidade nas sociedades rurais contemporâneas.** In: **Encontro Norte e Nordeste de Ciências Sociais**, Aracajú. Anais, UFS. v. 1, 2003.

SILVA, Enio Waldir da. **Economia solidária e cooperativismo na região de Ijuí/RS.** Economia solidária popular – Concretização dos direitos humanos pelo trabalho e renda. Ijuí, RS: Unijuí, 2014.

SINGER, P.; SOUZA, A. R. (orgs.). **A economia solidária no Brasil: a autogestão como resposta ao desemprego.** São Paulo: Contexto, 2000.

THESING, N.J. **Por um mundo melhor: cooperação e desenvolvimento.** Porto Alegre, RS/Buqui, 2015.